

“Viciante. Uma obra maravilhosa que cativa o leitor desde a primeira página.

Uma história para ser lida e guardada junto ao coração.”

— **Margarida (Bibi)** —

@bibidibooks (Instagram)

“Um livro tão simples, mas ao mesmo tempo tão complexo! Com uma escrita poética, o autor leva-nos numa viagem mágica, mas reflexiva, através dos vastos oceanos, vista pela perspectiva de duas ondas. É impossível não nos envolvermos na história e meditarmos sobre a importância do mar na nossa vida. Uma fábula lindíssima e apaixonante, à qual é impossível ficarmos indiferentes!”

— **Sara (Pipocas)** —

@livrosdapipoca_ (Instagram, Facebook, Youtube)

“Uma pequena fábula, escrita de forma ternurenta, que fala sobre duas ondas do mar que juraram amizade eterna, mas por divergências da vida, os seus caminhos desencontraram-se. Uma história imaginária que tem tudo o que poderia ser real, que nos fala de amizade, diferenças e ainda nos sensibiliza com questões relacionadas com a poluição e o que acontece no nosso mar.”

— **Raquel Copeto** —

@my_life_library_ (Instagram)

A TÊMPERA DAS ONDAS

GRÁCIO FREITAS



Trebaruna

Janeiro de 2026

FICHA TÉCNICA

Título: A Têmpera das Ondas

Autor: Grácio Freitas

Coordenação editorial: António Catarino e Pedro Cipriano

Edição: Diogo Resende

Revisão: Carolina Sousa e Diogo Resende

Ilustrações: Grácio Freitas

Ilustração da capa: Grácio Freitas

Design da capa: Constança Gonçalves

Composição: Constança Gonçalves

ISBN: 978-989-9331-30-3

Este livro foi composto pelos tipo:

Century Schoolbook

©2026 Edições Trebaruna

©2026 Grácio Freitas

©2026 Constança Gonçalves

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor.

Grupo Editorial Divergência

Centro de Negócios de Ansião

Parque Empresarial do Camporês

3240-465 Chão de Couce

Portugal

Website: <https://divergencia.pt/>

E-mail: geral@trebaruna.pt

Telefone: 982 155 850

Esta obra segue o Acordo Ortográfico de 1945.

O Grupo Editorial Divergência e Edições Trebaruna são marcas da DNL Convergência, Lda.

Este livro foi criado por humanos, para humanos. Nele, não foi utilizada inteligência artificial generativa, e proibimos que o seu conteúdo e arte sejam utilizados para o treino e desenvolvimento de modelos e tecnologias de inteligência artificial.

Este livro é destinado a todos os marinheiros da leitura.



1

O NASCIMENTO DAS ONDAS

Este mar que sempre aqui esteve, sabemos dele desde que os humanos do alto desta varanda o olharam, inquietos. Durante séculos e séculos o admiraram e foi daqui que, durante muitos e muitos dias e noites, sonharam conquistá-lo. Mas também foi admirando-o que aprendemos a respeitá-lo.

Se fôssemos uma gaivota despreocupada, a apenas desfrutar o momento, voaríamos a menos de meia dúzia de metros de um mar calmo e convidativo a essa forma de descontração. Mas, com umas enormes massas de água calmas e balouçantes que se começavam a agitar, inquietas, quando uma pequena brisa rápida, fria e irritante nos anunciava uma tempestade vinda de longe, notaríamos aquele pormenor à superfície.

Uma brisa, somente uma pequeníssima brisa foi necessária para que duas ondas diminutas nascessem. Não teriam mais que uns poucos centímetros, mas é assim que todas as ondas nascem, impelidas pelo vento soprado à superfície do mar, podendo eventualmente virem a tornar-se grandes ou mesmo gigantescas. Algumas poderão mesmo tornar-se ondas colossais, de um tamanho abismal que nos é impossível de idealizar.

Logo após o seu nascimento, e como as ondas não têm pai nem mãe, sentem uma espécie de chamamento que as impele para a sua aprendizagem, que fica a cargo delas próprias, de uma forma bastante simples. Retiram ensinamentos e a educação vendo os exemplos de todas as suas companheiras, incluindo as mais velhas.

É evidente que, enquanto ainda são pequenas e com pouco conhecimento, a tendência é, além de copiar as mais experientes, também participar em inúmeras brincadeiras e desafios com as da sua idade. Mas a brincar também se aprende, e este sistema vai moldar e determinar a formação do seu carácter. Cada uma escolhe os exemplos que melhor se encaixam no seu temperamento.

No início das suas vidas, as duas ondas pequeninas dirigiam-se até às praias para se divertirem com as crianças. Na primeira vez, foram-se aproximando cautelosamente e sem ruído, como uma criança que assalta a caixa das bolachas, pois nunca tinham estado perto de terra. A conselho das amigas, evitaram a zona de rochas e dirigiram-se directamente à praia. Durante o trajecto, olhavam em redor, ao mesmo tempo que imitavam os movimentos das outras ondas. Da praia vinha o som de pequenos gritos e risadas bastante agradáveis de se ouvir, e foi assim que tomaram conhecimento da existência de humanos, em especial de crianças, com quem faziam toda a espécie de jogos. Era puro divertimento, tanto para as ondas como para as crianças.

Havia um jogo que se baseava em saber quem recebia mais chutos na sua espuma após a chegada à praia, e as crianças adoravam pontapear. Em seguida, saltitavam por cima do que restava das ondas, depois destas, por uns instantes, parecerem paradas. Os seus pezitos rodopiavam, num bailado cheio de piruetas e pequenas gargalhadas ruidosas. Isto instantes antes de as ondas recuarem, para pouco depois voltarem com a mesma finalidade.

Quem não se lembra da primeira vez que foi à praia e, mesmo com receio do mar, ter aquele desejo incontrolável de chutar a espuma das ondas?

Outra das brincadeiras de que elas gostavam e as crianças faziam era marcar com paus até onde chegavam as ondas, para ver quem chegava mais longe na praia. Cada criança escolhia uma onda e seguia-a, correndo pela areia para a poder marcar no ponto mais distante a que chegasse na praia. Depois, era ver as ondas a esticarem-se, esticarem-se, esticarem-se até já não poderem mais, até faziam umas caretas feias de tanto se esforçarem. Diziam elas:



— Foi a minha, foi a minha que ganhou...

— Não, não, foi a minha.

Todavia, algumas ficavam rapidamente desapontadas, pois outras tinham chegado ligeiramente mais longe. Mesmo assim, isso não impedia que o divertimento durasse horas.

Como sabemos, as duas ondas pequeninas iniciaram a sua vida no mar juntas e, mais tarde, prometeram uma à outra que nunca se separariam. Depois de algum tempo de convivência e como a amizade entre elas tinha crescido parecendo ser para sempre, as duas amigas, numa cerimónia por elas organizada, juraram uma perante a outra que jamais se afastariam. A cerimónia decorreu em frente do Cabo da Roca, que, como sabemos, é: “onde a terra acaba e o mar começa”.

Ali ao largo, mesmo em frente ao cabo, fizeram a cerimónia, depois de terem ensaiado várias vezes o texto e o ritual do juramento.

— Juro, aqui neste mar e perante este cabo, que é “onde a terra acaba e o mar começa”, que nunca me irei separar da minha amiga de nascença — jurou uma delas.

A outra fez rigorosamente o mesmo. No fim, como tinham combinado, selaram o juramento com uma corrida de abalroamento. Afastando-se cerca de uma milha entre elas, depois virando-se, desataram num *sprint* desenfreado, atirando-se uma contra a outra, desfazendo-se numa linda espuma perfumada de amizade. Depois, festejaram o acontecimento.

Os primeiros tempos a seguir ao juramento constituíram a melhor fase das suas curtas vidas de onda. Parecia que o ser que governava os mares tinha conspirado para que, pela primeira vez em milhares de anos, existissem duas ondas gémeas.

Quando lhes apetecia brincar mais um pouco, iam para junto das praias frequentadas por surfistas. E, claro, adoravam aqueles que praticavam excelentes manobras.

Naquela praia, eles entravam no mar de prancha na mão, confiantes, pois sabiam o que os esperava, ondas transformadas naquilo que o próprio nome da praia indicava: supertubos. Estas eram



2

DIFERENÇA DE CARÁCTER

A vida daquelas duas amigas ondas, agora mais crescidinhas, decorria mais ou menos de forma normal, até que, a determinada altura, se começou a notar uma diferença bem distinta de carácter entre elas. Uma cumpria todas as regras do código global das ondas, que, embora não escrito, era cumprido em todos os mares e oceanos, e até gostava de ajudar, dentro das suas possibilidades. Ela também tinha em mente explorar outros mares com a intenção de aprender. Era respeitadora e compreensiva. As outras ondas chamavam-lhe Bonançosa.

A outra, já desde a sua nascença que começara a ter um comportamento menos bom para uma onda e, com o passar do tempo, o assunto foi piorando. Aproveitava-se das outras, era rebelde, individualista, arrogante e um pouco conflituosa. Exigia ter sempre as melhores tarefas. Por tudo isto, as outras ondas chamavam-lhe Tormentosa. Dizia, para quem a quisesse ouvir, que um dia seria a maior onda de sempre, mas o pior do seu mau-carácter era que adorava prejudicar os humanos.

As perturbações causadas pela Tormentosa eram cada vez maiores, e as outras ondas evitavam-na. Parecia até ficar satisfeita com os problemas que aconteciam, quer acidentalmente, quer criados por ela própria. A sua amiga bem tentava que não agisse daquela forma, mas ela queria ser a maior onda de sempre. Julgava que, para isso, se tinha de impor e mostrar o seu ar superior. Por isso, não lhe dava ouvidos e nada a demovia, nem mesmo os ralhetes das ondas mais velhas.

Quando o mar está calmo, tudo parece monótono e repetitivo. As tripulações de navios e embarcações sabem muito bem que este tipo de mar pode criar uma situação de grande ansiedade, por isso, atribuem um enorme valor a qualquer acontecimento que aconteça entre eles e o horizonte. Nesta situação, é fácil dar-lhe até uma importância exagerada.

Num dia desses de mar calmíssimo, que parecia uma salva de estanho acabada de ser polida, aproveitando essa calmaria, um casal e a sua pequena filha saboreavam um gelado sentados nas rochas à beira-mar. O pai, um brincalhão incorrigível, brandia o seu cone de gelado como se fosse um florete de esgrima em frente ao rosto da filha, que ria ao mesmo tempo que se tentava desviar para que o gelado não fizesse *touché* no seu nariz.

Ao longe, vendo esta deliciosa cena, a Tormentosa resolveu estragar aquele momento de agradável lazer. Por isso, tudo fez para correr desenfreadamente em direcção à rocha onde a família se encontrava a saborear aquele momento. Correu desgovernada. No seu rosto de onda, podia ver-se um sorriso de sarcasmo, para depois rebentar contra a rocha num grande estardalhaço e, com isso, molhar toda a família. Logo depois, percebia-se nela a satisfação pelo seu feito.

Numa certa madrugada, e bastante antes da hora habitual do seu regresso, uma pequena embarcação voltava ao seu porto de abrigo. Tinha problemas num dos seus motores. Mesmo com um deles parado, a entrada do porto não seria difícil, mas a Tormentosa resolveu, mais uma vez, interferir. Fez a vida negra aos pescadores, que tiveram imensas dificuldades em fazerem-se à barra.

Quando a embarcação apontava a proa para a entrada do porto, ela atravessava-se de maneira a impedir a manobra. E esta dança, em que não era a música que mandava, repetiu-se por horas. Os pescadores questionavam-se se o mar e as ondas tinham enlouquecido. Cansados, os pescadores deixaram de lutar contra o mar, ficando à deriva. Foi assim que ela, vendo não haver resistência, desistiu, pois, deste modo, a brincadeira não tinha piada nenhuma.





3

DOIS POETAS AO LUAR

A Bonançosa, um pouco abatida, decidiu afastar-se um pouco para alto-mar, mas nem ela sabia bem para quê. A Gaivota Coscuvilheira, intrigada, ao vê-la apressada e sem a companhia da sua amiga, perguntou:

— Então?! Jovem e enérgica onda, onde vais com tanta pressa? Porém, não recebeu resposta.

Ela estava agora num mar relativamente calmo, ao lado de um daqueles navios de cor cinza, tão próximo que podia ouvir os passos do cabo de quarto, que se propagavam pela estrutura do navio. Esses eram escutados facilmente pela Bonançosa, ao descer em direcção à coberta de vante do navio. Era uma corveta da Marinha de Guerra, que em tempos de paz fazia serviço de fiscalização e assistência no mar.

Um pouco mais de quinze minutos seria o tempo que faltava para que o marinheiro entrasse de quarto, mas ele ainda não sabia, porque estava a dormir no seu beliche. Naquele navio, ele era um dos elementos da guarnição. Pouco depois, acordou, dando um grande salto, e quase bateu com a cabeça no beliche de cima. Havia sido acordado do seu sono e do sonho, do qual não se conseguiria lembrar mesmo que mais tarde quisesse contar.

— Toca a içar, está na hora de entrar de quarto! — disse em voz alta o cabo de quarto.

Rapidamente, vestiu-se e passou pela casa de banho, mas, como era normal com ele e todos os tripulantes a bordo, estava na ponte do navio cinco minutos antes de render o quarto das quatro da manhã.

Mesmo àquela hora e depois de o seu sono ter sido interrompido, sorriu quando viu a faixa luminosa da lua projectada no mar.

— Autorização para render o quarto? — perguntou ele ao oficial de quarto.

— Autorizado — ouviu como resposta.

A primeira hora de quarto seria passada ao leme. Por isso, recebeu toda a informação de que precisava do marinheiro que tinha ido render, como qual era a proa a governar mais precisamente o rumo ou a situação da máquina do navio, que era avante doze nós, considerada a velocidade de cruzeiro do navio.

Sabia que depois de uma hora ao leme seria a sua vez de trocar com o vigia. Esse era, sem dúvida, o posto em que mais gostava de estar, mesmo durante as tempestades que, por vezes, tinha de enfrentar. As mais difíceis já tinham sido lá para trás no tempo. Agora, como a todos os que ousam navegar por esses mares, as tempestades parecem ser apenas recordações, que servem para abrilhantar a conversa entre marinheiros em períodos de descanso. Até que venham outras para serem somadas às recordações e possam por direito pertencer a novas cavaqueiras de marinheiros.

Que marinheiro da Armada não se recorda de o mar vir buscar e tomar como suas algumas balsas de salvação, que estão colocadas a vários metros acima do convés, ou mesmo de levar partes da balaustrada e até antenas de comunicações? Muito poucos não terão recordações daquelas tempestades com vagas entre oito a doze metros, que, não sendo das maiores, impõem respeito e prudência, porque das inferiores parecem não se preocupar, ou daquelas em que, por força do dever, se tem de continuar a lutar contra a fúria do mar para cumprir uma tentativa de resposta a um SOS.

Porém, naquele dia o mar estava de azeite ou espelhado, um “mar chão”, como preferem dizer os marinheiros. Na ponte do navio, as luzes estavam em modo de adaptação, como num automóvel durante a noite, em que aquilo que se vê são os brilhos luminosos dos manómetros, indicadores e equipamentos, sendo a luz da mesa das cartas a mais brilhante.





4

O NASCIMENTO DO CINZENTINHO

Uns dias mais tarde, a Bonançosa participava somente por mero acaso, ou então por uma sorte incrível daquelas de fazer inveja a qualquer jogador profissional de casino, no episódio que mais a marcaria para o resto da sua vida de onda e que faria nascer nela um sentimento jamais vivido por uma onda.

Naquele momento, deambulava despreocupadamente ao largo do estuário do Sado, quando reparou que junto a si se encontrava um golfinho fêmea que lhe parecia estar prestes a dar à luz. Depois do susto inicial, veio-lhe à ideia fugir dali o mais rapidamente possível, mas o seu instinto disse-lhe que tinha de agir. Por isso, deixou-se ficar e tentou, como era seu hábito, ajudar, mas não foi possível. Aquilo que de melhor poderia fazer era receber nas suas águas, com todo o cuidado, a cria daquele nascimento.

Passaram-se alguns minutos, o que para a Bonançosa pareceu uma eternidade, devido à ansiedade que sentia. Mais uns instantes e ela parecia um humano na sala de espera da maternidade, andando apressadamente de um lado para o outro, ansioso que o seu filho nascesse. Entretanto, a golfinho fêmea nadava lentamente, com uma calma enervante para a pobre da Bonançosa, como se soubesse tudo o que estava a acontecer, à espera da hora exacta do parto. Mas, de repente, a água ficou manchada de sangue, e a cria nasceu, caindo literalmente em cima da Bonançosa, de uma maneira que ela não esperava, com o rabo do recém-nascido a ser o primeiro a tocar-lhe nas suas calmas e transparentes águas.

Foi naquelas águas que o pequeno golfinho nadou pela primeira vez, foi também a elas que furou para vir à superfície respirar o ar que lhe fazia falta à vida. Ela, meia atarantada, fazia um esforço enorme para não se mexer, porque tinha a ideia de que isso podia prejudicar o golfinho bebé. Logo ali, vendo o golfinho tão pequeno e frágil, de cor cinza prateado, deu-lhe o nome de Cinzentinho. Ela e a mãe golfinho ficaram durante largas horas como que a adorar o Cinzentinho, depois de esta ter aceitado o nome sugerido pela madrinha, a onda Bonançosa. Sentiu pela primeira vez o instinto maternal a percorrer-lhe todo o volume de água de que era composta, como se algum produto estranho tivesse sido derramado sobre ela e se propagasse por toda a sua estrutura até chegar ao seu coração de onda.

Enquanto decorria o nascimento, a Gaivota Coscuvilheira pairava por cima, a uma altura razoável, em círculos longos e em silêncio, de maneira a não interferir naquele ato, mas atenta a todos os acontecimentos.

Quando o Cinzentinho emergiu das águas da onda Bonançosa pela primeira vez, ela, como de costume, gritou. Agora, devido ao entusiasmo ou a um sentimento de empatia que aquele nascimento lhe provocava, os seus gritos pareciam ter alguma doçura.

— Bonançosa, irás ficar com uma marca na tua vida. Poucas ondas poderão orgulhar-se de terem um nascimento desse tipo nas suas águas — anunciou a Gaivota Coscuvilheira, ao mesmo tempo que fazia um voo rasante onde se encontrava o golfinho bebé.

Os olhos da Gaivota Coscuvilheira seguiam atentamente o pequeno golfinho, como um equipamento avançado de busca e determinação de alvos para a plataforma lança-mísseis. Depois, em voo picado em direcção ao sol, disse:

— A partir de agora, a tua vida vai ser diferente, vais ter algo de que te orgulhar.

Deu mais duas voltas com o sentimento de um vigilante atento. De contente que estava, saiu dali assobiando, com um agradável grasnado, uma canção de gaivota.

Depois daquele momento, a Bonançosa não sabia bem o que tinha acontecido, nem tão pouco o que sentia, mas tinha a certeza

De regresso e já próximo da entrada do estuário do Sado, todos estavam contentes e sentiam-se autênticos aventureiros, quando de repente um deles deu o sinal de alarme. Uns quantos metros de rede de pesca estavam a boiar mesmo no rumo em que os jovens golfinhos seguiam. Um deles não teve tempo de mudar de direcção e caiu na rede, devido à velocidade a que todos seguiam. O golfinho que ficara preso na rede debatia-se com todas as suas forças. O Cinzentinho, aproximando-se, gritou-lhe:

— Pára, pára, não te debatas e tenta ficar calmo, porque a melhor maneira de saíres não é ir em frente. Nós vamos dar a volta à rede e puxamos do outro lado. Assim, podes recuar.

Quando se aproximavam da rede já do outro lado, vindo do estuário, todo o grupo a que pertenciam já se preparava para ajudar. Agarraram a rede com os dentes e puxaram, permitindo que o golfinho se libertasse facilmente da rede. Logo ali, todos os jovens golfinhos receberam avisos e as sentenças dos castigos que seriam aplicados pelos seus progenitores, que se encontravam extremamente zangados.

Os detritos das artes de pesca perdidos começam a ser um flagelo para os animais marinhos.



5

AS PARTIDAS

Por vezes, o pequeno golfinho procurava por ela e chamava-a. Normalmente era só porque gostava da sua companhia ou porque tinha a intenção de ficar a ouvir as histórias empolgantes que ela aprendera a inventar, tornando-se numa contadora de primeira.

Era uma vedeta por aquelas paragens, pois até vinham outros pequenos golfinhos e muitos outros peixes para a ouvir. Ela sentava-se no fundo, a pouca profundidade, e toda a sua audiência dispunha-se em anfiteatro à sua volta. A espaços regulares, tinha de fazer paragens para que os golfinhos viessem à tona respirar, mas, desta vez, o chamamento parecia ser para algo diferente, a avaliar pelo tom de voz.

— Ondinha, ondinha — era assim que a tratava. Normalmente, ela aparecia logo como que vinda do nada. Mesmo que estivesse longe, corria para atender aos desejos do seu Cinzentinho.

— O que se passa, Cinzentinho? Já te meteste em mais algum sarilho? Precisas de ajuda?

— Não, não é nada disso. Lembras-te daquelas nossas conversas?

— Sim, lembro-me bem. Até penso que foi por causa das nossas cavaqueiras que me tornei uma tagarela.

— Olha... não me chames Cinzentinho, já sou um golfinho adulto.

Ele teve alguma dificuldade em continuar o que tinha para dizer e só o fez depois de Bonançosa o incentivar.

— *Ok*, Cinzento, diz lá qual é o teu problema.

— Não é pelo nome, é pela forma como o dizes. Eu gosto do meu nome, pois foste tu que mo deste.

A Bonançosa dizia sempre o nome dele de uma forma melada, como se ele ainda fosse um bebé.

— E não é bem um problema. Lembras-te de eu te dizer que gostava de uma Cinzentinha fêmea?

— Lembro-me perfeitamente, até tiveste alguma dificuldade em partilhar isso comigo.

— Só te queria pedir um conselho. Ela é de uma comunidade longe daqui e eu tenho algum receio de dizer à minha mãe que me vou embora.

— Eu conheço a tua mãe, ela é prática e sabe que não te pode ter junto dela para toda a vida. Não deves ter receio, pois ela só quer o teu bem. Por isso, tenho a certeza de que vai ficar feliz por queres ter a tua própria família.

A Bonançosa apercebeu-se que até àquele momento tinha agido como se o Cinzentinho se fosse manter um jovem para toda a vida. Ela gostaria que assim fosse, pois assim teria sempre a quem contar as suas histórias.

Despediram-se de forma um pouco invulgar e, contrariamente àquilo que poderíamos pensar, não houve choros nem lamentações. Ele, batendo com força a barbatana traseira nas águas da Bonançosa, afastou-se. O Cinzentinho partiu e, com ele, levou algo da onda Bonançosa, que o tinha visto nascer. Ela ainda lhe gritou:

— Quando passares por aqui, vem-me visitar.

E já muito baixinho, sabendo que ele não a ouviria, disse:

— Ficarás para sempre no meu coração de onda.

Pensativa, ficou por ali a observar o horizonte. Sentia-se triste, mas tinha de encarar a situação como normal. Afinal, o Cinzentinho tinha crescido. Viveria recordando os bons momentos que tivera com ele, desde o seu nascimento até às grandes sessões de tagarelice, além do prazer que fora tê-lo visto crescer.



6

À CONVERSA COM UM HUMANO

A Bonançosa, não querendo ficar a remoer sobre a coincidência de duas partidas no mesmo dia de quem mais estimava, saiu dali e foi direita ao porto de pesca com a intenção de se distrair e dar duas de conversa. Pelo caminho, foi pensando no Cinzenthinho. Desse, tinha quase a certeza que nada iria correr mal, já o mesmo não podia pensar da amiga, que queria ser a maior onda de sempre. Pois, na sua mente, não conseguia prever um desfecho satisfatório para aquela busca caprichosa que ela tinha iniciado.

Era um pouco mais que o meio da tarde. O mar, desde há umas horas, com o abrandar do vento, tinha melhorado. Entrou no porto e foi direita ao cais, onde estava sentado um velho pescador a remendar as suas redes. Era o humano com quem ela, por vezes, falava. Ela apreciava a conversa entre ambos, pois, com ele, falava de assuntos sérios, não era só tagarelice. Reparou, pela sua aparência, que o pescador estava um pouco preocupado, mas, em simultâneo pensou que isso seria um bom motivo para dar início a uma conversa. Chegando-se junto ao cais, cumprimentou-o.

— Olá, estás um pouco pensativo, dá para ver — disse ela.

O pescador levantou um pouco a cabeça e, olhando para a Bonançosa, que estava mesmo ali à sua frente, disse em tom de espanto:

— É, estou a pensar na vida e no trabalho. Sabes, isto da pesca não tem corrido nada bem.

— Todos temos os nossos próprios problemas. A propósito, hoje o tempo está melhor e pode ser que logo à noite possas voltar ao mar — vaticinou a Bonançosa.

— Era só isso que eu queria. Eu respeito o mar e as tuas amigas, mas algumas delas, por vezes, não facilitam nada — constatou o velho pescador.

À Bonançosa veio-lhe logo ao pensamento a sua amiga, que tinha partido porque queria ser a maior onda de sempre.

— Oh! Não nos podes culpar só a nós. Como sabes, os ventos são os principais culpados do mal que nós possamos fazer. Mas também me parece que tudo isto faz parte da grande engrenagem que é o mar.

O pescador, com um ar de espanto, respondeu:

— Estás um pouco errada, mas isso fica para depois. Olha, estou admirado com as tuas palavras e, confesso, não esperava essa atitude de compreensão, especialmente vinda de uma onda. Mas desculpa, hoje a conversa é mais curta. Agora tenho de ir, no entanto, volta quando puderes. Vou gostar de trocar mais umas impressões contigo. Obrigado.

— Não tens de me agradecer, eu também gosto destas nossas conversas. De certeza que ainda vamos continuar a falar por muito tempo.

Veio-lhe à ideia o porquê de algumas das suas companheiras a chamarem de Bonançosa, a tagarela.

O pescador já tinha virado as costas em direcção ao seu barco, mas ainda ouviu toda a resposta da onda e levantou o braço direito, para assinalar que tinha ouvido. Era também um sinal de concordância com o que acabara de ouvir.

A Bonançosa preparava-se para sair do porto quando, aparecendo ninguém sabe bem de onde, a Gaivota Coscuvilheira, vendo aquele cenário, do pescador à conversa com a onda, gritou lá do alto com os fortes pulmões de gaivota:

— És mesmo uma tagarela incorrigível. Todos servem para dares à língua, até um humano.

Sem mais dizer, a grasnar e a guinchar palavras impercebíveis, como se fosse uma velha rezingona, deu meia-volta e protagonizou mais uma das suas saídas de rompante.





7

UM SONHO LOUCO E UM PESADELO REAL

A Bonançosa também tinha sonhos e um deles, além de secreto, era um pouco estranho. Muitas vezes visitava a sua mente, mas nunca o divulgara. Aliás, jurara a si própria que jamais o faria. Esse sonho era uma fantasia com mensagens em garrafas que ela transportava no mar. Não tinha nenhuma preferência especial pelo tipo de mensagem, poderia ser sobre pesquisa científica relacionada com as marés, sobre afirmação da sua existência — por exemplo: “Eu estou aqui” —, ou mesmo relativo a um pedido de socorro. Mas aquela que mais gostaria de transportar seria uma declaração de amor, daqueles amores impossíveis de viver pelo afastamento que o mar pode provocar. Já tinha o sonho idealizado e era mais ou menos assim.

Numa das suas excursões exploratórias, tinha ido por engano parar a uma ilha isolada lá para os lados do Oceano Pacífico. A ilha tinha uma forma diferente de todas as que conhecia. Depois de a ter circundado, reparou que a ilha era redonda e com uma abertura bastante grande. Entrou por essa abertura e, espantada, notou que o interior era como um lago circular enorme de águas mansas.

A praia que circundava todo o lago no interior da ilha era de areias finíssimas, de uma tonalidade creme agradável à vista. A faixa de areia teria cerca de oito a dez metros, a partir daí para o interior era só uma deliciosa vegetação de aspecto tropical.

Ela, na sua fantasia, conta que ficou uns dias a gozar a quietude daquela enseada tropical. Logo no primeiro dia, viu na praia um vulto que lhe pareceu humano, e, embora não tivesse dado

muita importância, pensou que talvez fosse uma visão, devido às saudades que tinha de casa.

No dia seguinte, num outro local, uma visão igual, por isso, decidiu investigar e ficar vigilante. Passaram dois dias e nada do vulto. Começava a ter a certeza de que era uma visão, mas, naquele instante, saída da vegetação, lá ao fundo, estava a célebre silhueta humana.

Sem perder um segundo, arrancou direita ao local onde o humano estava. Ele caminhava devagar, a olhar para a zona entre a areia e a água do mar, ao mesmo tempo que, de vez em quando, parava e com o pé remexia na areia, como se estivesse à procura de um qualquer objecto perdido.

A Bonançosa, como não era marinheiro de primeira viagem nisto de falar com humanos, com muitas cautelas, num tom para não o assustar, em voz baixa e o mais agradável que sabia, disse:

— Olá! Esta praia é muito agradável para encontrar alimentos.

O humano, levantando a cabeça, olhou para o mar à sua frente, ficando imóvel, de tal forma que ela pensou nele como um farol que estava ali estático permanentemente. Foi também ela que voltou a falar, de forma a aliviar o susto ao humano.

— Sou uma onda que veio de longe, posso ajudar-te?

O homem, parecendo acordar, teve consciência de que estava a falar com uma onda. Mas deixou-se ir na conversa, achando que isso ajudaria a sua mente. Respondeu:

— E como? Não és um navio, nem sequer uma pequena embarcação!

— Pois não, mas gostava de te ajudar. Só não sei como!

O humano ficou pensativo uns segundos e, numa explosão de alegria, gritou:

— Já sei, já sei... tenho ali umas tralhas que deram à costa como eu, umas garrafas, um taco de basebol, mas esse não serve para nada, um caderno de apontamentos com uma caneta na lombaaadaaa...

O homem correu para ir buscar uma garrafa e o caderno de apontamentos, rapidamente. Sentou-se na areia, desarrolhou a

garrafa e verteu o líquido, pois para ele não importava, nem que fosse o melhor rum das Caraíbas, aquele pelo qual todos os marinheiros e piratas ansiavam. A sua intenção era que a onda levasse a garrafa pelo mar fora até encontrar alguém que o viesse ajudar. Por isso, pegou no caderno e depois na caneta antes de começar a escrever o texto. Tentou verificar se a caneta escrevia, riscou, riscou, mas nem um pequeno rabisco se vislumbrava na folha ondulada, por ter secado depois do naufrágio.

Desanimado, tombou para trás, deixando-se cair com força na areia. A desilusão era muito grande para quem estava sozinho naquela ilha há meses. Para sua maior desgraça, sentia falta da sua amada. Desesperado, ali ficou, pensativo. Não podia desistir tão facilmente, pensava. Mas o tempo foi passando até que adormeceu. A Bonançosa, ali junto dele, em cima da areia, também triste e desgostosa por não o poder ajudar, preparou-se para ficar até o homem acordar. De repente, ele acordou, dando um grito:

— É isso, é isso...

Saltou e correu direito a uma árvore que a Bonançosa pareceu ser uma bananeira. Arrancou uma daquelas folhas largas e voltou a sentar-se de frente para ela. Começou a recortar com as mãos o melhor que podia a folha de bananeira e, de vez em quando, olhava para ela como que a dizer «vê se percebes». Acabando os recortes, mostrou-lhe o que à primeira vista parecia uma ferradura. Ela pensou um pouco e, talvez pela inspiração da própria ilha, gritou:

— É a ilha vista de cima?

Ao que o homem respondeu:

— Sim, vai ser fácil de alguém identificar.

Ele meteu o seu mapa do tesouro dentro da garrafa, pois este podia salvar-lhe a vida.

A onda Bonançosa despediu-se e disse:

— Atira-a.

E lá foi ela mar fora, dando toques na garrafa, para a entregar a alguém que o fosse salvar. Era uma mensagem de amor pela vida de um ser humano.



Índice

1	O NASCIMENTO DAS ONDAS	3
2	DIFERENÇA DE CARÁCTER	11
3	DOIS POETAS AO LUAR	17
4	O NASCIMENTO DO CINZENTINHO	23
5	AS PARTIDAS	29
6	À CONVERSA COM UM HUMANO	35
7	UM SONHO LOUCO E UM PESADELO REAL	41
8	FEITOS DA ONDA BONANÇOSA (I)	47
9	FEITOS DA ONDA BONANÇOSA (II)	51
10	PERTO DE CASA TAMBÉM SE APRENDE	57
11	A VISITA DO CINZENTINHO	61
12	A BUSCA PARA SER A MAIOR ONDA DE SEMPRE (I)	67
13	A BUSCA PARA SER A MAIOR ONDA DE SEMPRE (II)	73
14	ILHAS DESLUMBRANTES E DIVERSIFICADAS	79
15	VISITA ÀS ÁGUAS GELADAS E O RÁPIDO REGRESSO	87
16	CHEGADA DAS JUÍZAS	95
17	AS DUAS ONDAS AGIGANTARAM-SE	101
18	O RESTO DAS SUAS VIDAS	109